

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

MONIQUE PEREIRA VIANNA

AVALIAÇÃO DO DESENHO NO ENSINO DE ARTES

CRICIÚMA

2014

MONIQUE PEREIRA VIANNA

AVALIAÇÃO DO DESENHO NO ENSINO DE ARTES

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura no curso de Artes visuais - licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador (a): Prof. (a) Ma. Edite Volpato
Fernandes

CRICIÚMA

2014

MONIQUE PEREIRA VIANNA

AVALIAÇÃO DO DESENHO NO ENSINO DE ARTES

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciatura, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 26 de novembro de 2014. (data da defesa)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Edite Volpato Fernandes - Mestra - UDESC- Orientadora

Prof. Izabel Cristina Marcilio Duarte - Especialista em ensino da arte- UNESC

Prof. Katiuscia Angélica Micaela de Oliveira – Especialista em história da arte -
UNESC

Dedico este trabalho às pessoas que amo, como a minha família, meu noivo, amigos e professores que sempre me incentivaram a lutar pelos meus sonhos, acreditando na minha capacidade de realizá-los, mesmo em meio às dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me manter de pé, quando penso que as dificuldades são mais fortes do eu, me fazendo lembrar que nada é impossível e que conquistamos algo quando realmente nos dedicamos.

À minha família, que sempre está presente em minhas jornadas estendendo a mãos para dividirmos os momentos de alegria e tristeza, apoiando com seu amor, carinho e compreensão.

Ao meu noivo com sua paciência inesgotável, que me ajudou e me acalmou nos momentos de nervosismo e estresse, persistindo á continuar a caminhada.

Aos meus amigos, pelas suas companhias.

Às escolas e alunos, que colaboraram com minha pesquisa.

Aos professores do Curso de Artes Visuais, que com seus conhecimentos contribuíram com minha formação.

À banca examinadora Izabel e Katiuscia, que aceitaram meu convite para avaliação deste trabalho.

E um agradecimento especial à minha querida professora e orientadora Edite Volpato, a qual admiro e tenho grande respeito, agradeço por sua competência e dedicação com este trabalho e a minha formação.

A todos o meu muito obrigado, por fazerem parte dessa jornada e pelo apoio essencial para a realização dessa conquista.

“Avaliação é um procedimento complexo, uma tarefa sensível e cognitiva que requer ainda mais cuidados por se tratar de uma área na qual os produtos do fazer artístico do aluno expressam sua cultura e subjetividade. [...] Uma nota inesperada pode criar ou aumentar seu bloqueio expressivo para o resto da vida.”.

**Luciana Mourão Arslan
Rosa Iavelberg**

RESUMO

Esse trabalho intitulado “Avaliação do desenho no ensino de artes”, está inserido na linha de pesquisa Educação e Arte, do curso de Artes Visuais – Licenciatura, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. O objetivo é de compreender como os alunos percebem a avaliação de seus desenhos, no intuito de verificar os procedimentos e concepções envolvidos nos processos avaliativos realizados pelos professores de arte do ensino fundamental II. O ponto de partida foi o seguinte problema: quais as práticas evidenciadas na avaliação dos desenhos no ensino fundamental II, a partir da percepção dos alunos? Para a realização do trabalho, foi feita uma pesquisa de campo, utilizando como instrumento para coleta de dados, o questionário, sendo que se classifica como abordagem básica, qualitativa e exploratória, onde busquei analisar as respostas dos alunos do ensino fundamental II, sobre como compreendem a avaliação de seus desenhos, fundamentando com autores que abordam a questão da avaliação e a docência em Artes, como: Hoffmann (1995), Blaikie (1994), Luckesi (2001), Liblik e Diaz (2006), Esteban (2003), Ferraz e Fusari (2009), Boughton (2005), Arslan e Iavelberg (2011), Pillar (1996), Martins Picosque e Guerra (1998), Derdyk (2004), Barbosa (2010), entre outros. Constatamos que os alunos entendem a avaliação dos desenhos como algo positivo, porém poucos alunos compreendem que ao avaliar os desenhos, é analisado o conteúdo, então se percebe a necessidade de esclarecimentos sobre as práticas avaliativas aos alunos em sala de aula.

Palavras - chave: Avaliação. Desenho. Artes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Pintura rupestre - Lascaux. 15.000 a 10.000 anos A.....	32
Figura 02- Fragmento do livro dos mortos de Tebas - Egito, C/ 1000 AC.....	32
Figura 03: Desenho técnico.....	33
Figura 04: Derdyk, Veloz – 1998.....	34
Figura 05: Edith Derdyk, Rasures III-1998.....	34
Figura 06: Desenho a partir da arte abstrata.....	36
Figura 07: Produção realizada a partir da obra de Flávio Rezende de Carvalho.....	38
Figura 08: Retrato da Pintora Tarsila Flávio Rezende de Carvalho.....	38
Figura 09: Desenho sobre o Halloween.....	39
Figura 10: Desenho sobre a copa.....	39
Figura 11: Desenho livre.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense

PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1 UMA INTRODUÇÃO.....	11
2 A AVALIAÇÃO E AS DIVERSAS CONCEPÇÕES DE AVALIAR.....	14
3 A AVALIAÇÃO NO ENSINO DE ARTE.....	21
4 O DESENHO E A AVALIAÇÃO.....	29
4.1 FRAGILIDADES NA AVALIAÇÃO DO DESENHO.....	36
5 METODOLOGIA.....	41
5.1 EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO E PESQUISA NA ESCOLA: POSSIBILITANDO UM ENSINO REFLEXÍVEL.....	42
6 O OLHAR DOS ALUNOS.....	45
7 CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE(S).....	60
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIOS APLICADOS COM OS ALUNOS.....	61
APÊNDICE B - PROJETO DE CURSO.....	63

1 UMA INTRODUÇÃO

Por algum tempo e para vários professores e alunos, arte tornou-se sinônimo de desenho e, para mim, esse conceito de que arte é desenhar veio do ensino de arte que vivenciei na Educação Básica quando tínhamos a obra colada no quadro e deveríamos de copiá-lo, sendo que essa prática foi muito conhecida como releitura.

Fui uma ótima aluna em artes só pelo fato de conseguir alcançar os objetivos da professora e fazer do jeito que ela pedia, então não via nenhum problema com a disciplina, mas quanto aos meus colegas, observava seu desencantamento pelas aulas de artes e isso me deixava chateada, pois queria que sentisse o mesmo encantamento que eu sentia, mas percebia neles uma decepção ao saber de suas notas, por não conseguir fazer o desenho perfeito que a professora tanto pedia.

Ao chegar à Universidade (UNESC), em fevereiro de 2011, uma grande decepção aconteceu comigo, pois não conhecia a riqueza da expressão nos desenhos, já que estava tão focada na técnica, no fazer perfeito e na nota que não sabia realmente o que era arte, então comecei a desconstruir as concepções e ter um novo olhar para o desenho e para a arte. Tive disciplinas como Arte e Educação, Metodologia do Ensino de Arte, Didática e as disciplinas de Estágio, levando a conhecer como eram realizadas as avaliações no ensino de arte e a sua importância na educação, chegando à conclusão de que a avaliação é um dos instrumentos importantes para o ensino de artes e que se não fosse a fragilidade da avaliação naquela época da Educação Básica, eu poderia ter outro conhecimento do que é arte ao chegar na Universidade.

Ao realizar o estágio nas escolas públicas para o cumprimento da disciplina de estágio I e II, no curso de Artes visuais – Licenciatura, em 2013, observei a dificuldade que o professor tem de realizar a avaliação dos desenhos de seus alunos. O olhar do professor diante das produções que são avaliadas, me preocupa e inquieta ao imaginar que a qualquer momento uma ideia que o aluno quer expressar passe despercebida, pela fragilidade da avaliação do professor. Então surgiram algumas indagações: Será que o professor olha para o desenho pela técnica ou pela expressão de cada aluno presente em suas aulas, lembrando-se das diversas possibilidades de expressão que tem o desenho? E no ponto de vista dos

alunos o que dizem sobre a avaliação de seus desenhos? Como compreendem a avaliação feita pelo professor?

Então, a partir da manifestação artística que me identifico desde a infância, o desenho da vida escolar, a experiência de estágio e a abordagem da avaliação no curso, surge o interesse pela temática de minha pesquisa, a avaliação do desenho no ensino de arte. Acredito que refletir sobre as práticas da avaliação pelo professor através do olhar dos educandos é importante não só para a formação do aluno, mas do professor também, pois assim poderá reconhecer-se a partir dos dois pontos de vista, o que contribuirá para a melhoria de suas práticas. Portanto, proponho nesta pesquisa investigar com os alunos do ensino fundamental II, como compreendem a avaliação dos seus desenhos pelo professor de Artes, a fim de abrir uma discussão acerca do seguinte problema: Quais as práticas evidenciadas na avaliação dos desenhos no ensino fundamental II, a partir da percepção dos alunos?

As questões norteadoras que delineam a pesquisa, são: O desenho como uma manifestação artística é valorizada pelo professor e o aluno? O que significa avaliação para os alunos do ensino fundamental II? O que revelam as avaliações feitas pelos professores?

Essa problematização irá nortear a pesquisa que tem como objetivo compreender como os alunos percebem a avaliação de seus desenhos, no intuito de verificar os procedimentos e concepções envolvidos nos processos avaliativos realizados pelos professores de arte do ensino fundamental II.

A pesquisa estrutura-se em sete capítulos discorrendo em fundamentações teóricas, partindo da problematização, para que possamos abrir uma discussão sobre a avaliação do desenho no ensino de artes.

Na introdução, apresento o interesse pela temática, os objetivos, questões norteadoras, o problema da pesquisa e os capítulos deste trabalho.

O segundo capítulo A Avaliação e as diversas concepções de avaliar, discorre sobre as concepções de avaliação escolar em diferentes tendências, que cito Hoffmann (1995), Blaikie (1994), Luckesi (2001), Liblik e Diaz (2006), Esteban (2003), Ferraz e Fusari (2009), Boughton (2005), entre outros.

No terceiro capítulo, Avaliação no ensino de artes aborda os tipos de avaliação e instrumentos avaliativos nas aulas de artes, trazendo a fala de autores

como Arslan e Iavelberg (2011), Pillar (1996), Martins, Picosque e Guerra (1998), entre outros.

No quarto capítulo, O desenho e a avaliação, trata de reflexões sobre o desenho no ensino de artes, os tipos de desenho e práticas avaliativas de desenho que vivenciei na Educação Básica, onde faço relações com os autores, Derdyk (2004), Pillar (1996), Barbosa (2010), entre outros.

No quinto capítulo, apresento a metodologia utilizada na pesquisa e no subcapítulo reflito sobre a importância do estágio e a pesquisa na escola.

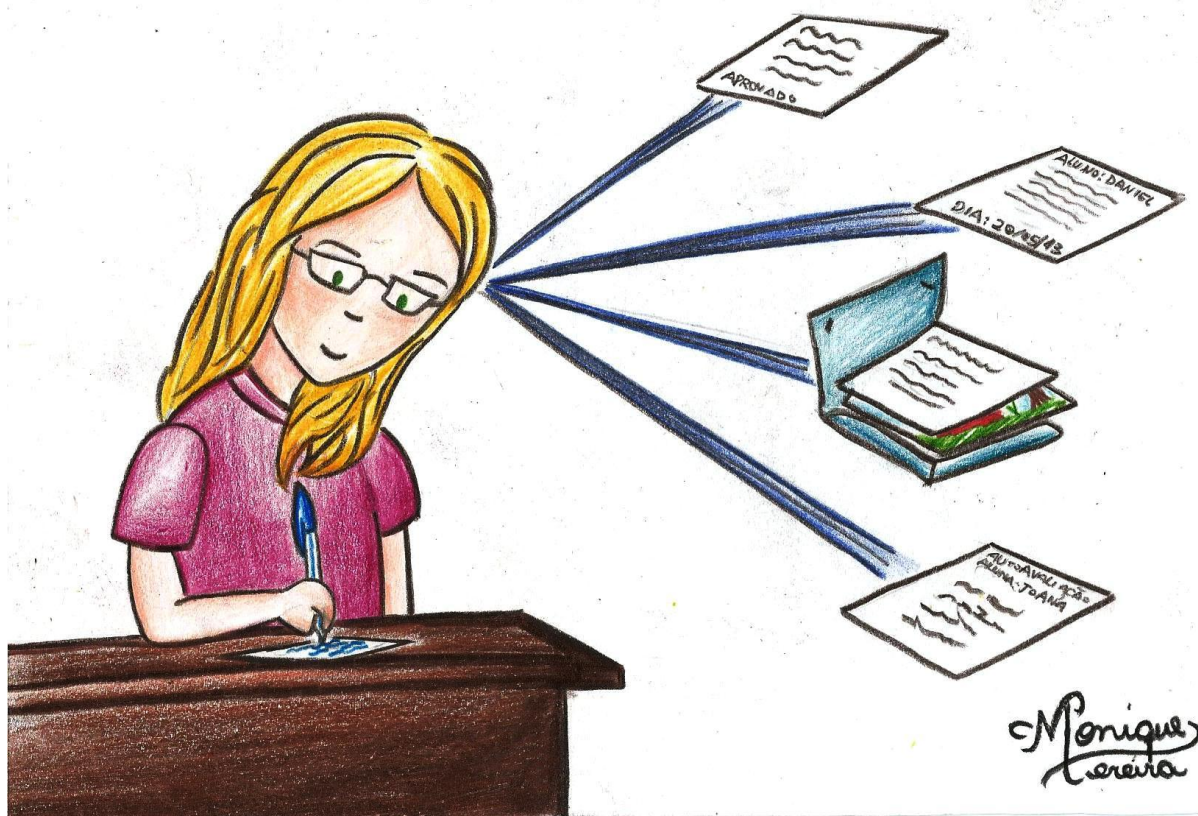
No sexto capítulo, “O olhar do aluno” está os dados coletados em minha pesquisa, onde faço uma análise sobre as respostas dos alunos relacionando com autores, a partir das questões norteadoras e problematização da pesquisa.

E no sétimo capítulo vem a conclusão, onde escrevo sobre o que ficou da pesquisa e o que foi possível perceber através da pesquisa de campo e autores abordados, sobre as práticas da avaliação do desenho no ensino de artes.

Por fim, apresento no apêndice uma proposição de curso, para professores e acadêmico de artes, para colaborar na discussão sobre a importância da avaliação.

A realização dessa pesquisa é relevante para minha formação e também para os colegas da área de artes e professores, pois contribuirá para um pensamento crítico sobre as próprias práticas pedagógicas, preparando para os processos avaliativos, com um olhar mais sensível e reflexivo com relação aos desenhos dos alunos, levando em consideração sua cultura, possibilidades expressivas e subjetividades.

A AVALIAÇÃO E AS DIVERSAS CONCEPÇÕES DE AVALIAR



2 A AVALIAÇÃO E AS DIVERSAS CONCEPÇÕES DE AVALIAR

A partir das experiências com a docência pode-se entender que avaliar não é somente atribuir uma nota ao aluno e nem dizer quem é bom ou não, mas observar suas potencialidades, habilidades e de que maneira ele pode chegar ao objetivo desejado. Sabemos que avaliar não é fácil, pois quando avaliamos a aprendizagem estamos lidando com seres humanos, que pensam de maneira singular e tem experiência de vida diferente, mas mesmo assim, é necessária e essencial a avaliação pelo professor. A avaliação é um instrumento importante na prática do professor, para que possa analisar todo o desenvolvimento e aprendizagem do aluno, além de servir para a sua autoavaliação.

A avaliação é reflexão transformadora em ação. Ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre a realidade, e acompanhamento, passo a passo, do educando, na sua trajetória de construção de conhecimento. Um processo interativo, através do qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre sua realidade escolar no ato próprio da avaliação. (HOFFMANN, 1995, p. 18)

Concordando com a concepção de avaliação da Jussara Hoffmann, entendo que esse conceito de avaliação é que devemos ter em mente ao olharmos para a prática avaliativa, mas, ainda temos impregnado em nós, o entendimento de que avaliação é o resultado ou o exame que é feito com o aluno verificando seu desempenho em suas atividades escolares, isso devido às experiências que tivemos com professores tradicionais durante a vida escolar. Ao pensar em avaliação a primeira coisa que vem a mente é a nota e a prova, mas se formos analisar, o significado de avaliação é muito mais que uma nota ou prova.

Encontramos no dicionário Michaelis (p.100, 2008) um significado de avaliar, ligado a valores, merecimento, julgamento e reconhecimento, “**a. va. li. ar** (a¹ + valia + ar¹) *vtd* e *vti*¹ 1 Calcular ou determinar o valor, o preço ou o merecimento de. *vt*² 2 Reconhecer a grandeza, a intensidade, a força de. *vtd*³ 3 Apreciar. *vtd*⁴ 4 Calcular. *vpr*⁵ 5 Considerar-se, Julgar-se.”.

Avaliar na área da educação tem grande importância, pois há responsabilidade e comprometimento com quem avaliamos. Avaliar parece envolver as funções de analisar, refletir, planejar, problematizar, dialogar, reorientar e

descrever sobre as situações de aprendizagem durante o desenvolvimento das práticas pedagógicas propostas aos alunos em sala de aula.

Segundo o autor Doug Boughton (p.382, 2005):

A avaliação desempenha muitos papéis diferentes na arte/educação, inclusive as “medida- de- temperatura” nacionais, planejadas para indicar a performance de grupos selecionados de estudantes; a avaliação somatória(“catraca”), usada para determinar o acesso de estudantes a mais longínquas oportunidades educacionais; a avaliação “ diagnóstico”, para auxiliar os professores a decidir sobre o que fazer; e a avaliação “ formadora”, que ajuda os estudantes a se autocriticarem e a analisarem seu próprio desempenho.

Para que a prática avaliativa aconteça de modo que contribua para a aprendizagem do aluno, não se deve somente avaliar a aprendizagem do aluno, mas também autoavaliar as práticas e planejamentos, analisando se é coerente aos objetivos e conteúdos e se é de alcance dos alunos conforme foi desenvolvido. Existem diferentes tipos de avaliações, que buscam o exercício de avaliar de outros pontos de vista e não somente o olhar para o aluno, mas também realidade escolar, o contexto em que o aluno e a escola estão inseridos ou que dá acesso ao aluno à algum interesse.

Os tipos de avaliações encontrados no texto de Boughton são: avaliação catraca, avaliação diagnóstica, avaliação autêntica e a avaliação formadora. Para ilustrar os tipos de avaliação citadas, inicio explicando as avaliações *catraca*: “[...] são de natureza somatória que determinam o acesso de estudantes a oportunidades educacionais, como o ingresso em faculdades e universidades.” (BLAIKIE, 1994, apud, BOUGHTON, p.377, 2005). A palavra catraca remete a passagem á algum lugar ou objetivo, no caso do aluno a avaliação catraca da oportunidade a outro nível escolar.

As avaliações *diagnósticas* são análises, observações e registros, feitos pelos professores para identificar as dificuldades e habilidades do aluno. “[...] instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar seu processo de aprendizagem.” (LUCKESI, 2001, p. 81). Diagnosticar então significa analisar o problema ou habilidades e encontrar uma forma de melhorar as práticas para que os alunos alcance o objetivo desejado.

A avaliação *autêntica* é um instrumento em que os professores avaliam atividades, materiais escritos e trabalhos coletados pelos alunos durante o processo de aprendizagem analisando o seu comprometimento.

Tanto a prática quanto a pesquisa indicam que os estudantes podem colocar em suas pastas, de forma útil, trabalhos completados, rascunhos e anotações sobre as idéias com relação ao trabalho, avaliações e comentários feitos pelo estudante, professor e colegas, ensaios sobre o trabalho, fotografias e outros registros de fontes. (BLAIKIE, 1994, apud, BOUGHTON, p. 380, 2005).

E sobre a avaliação *formadora* podemos entender que é aquela que dá a oportunidade dos alunos se autocriticarem e autoavaliarem, o que contribui para o seu desenvolvimento. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, encontramos que:

A avaliação, apesar da responsabilidade do professor, não deve ser considerada função exclusiva dele. Delegá-la aos alunos, em determinados momentos, é uma condição didática necessária para que construam instrumentos de auto-regulação para as diferentes aprendizagens. A auto-avaliação é uma situação de aprendizagem em que o aluno desenvolve estratégias de análise e interpretação de suas produções e dos diferentes procedimentos para se avaliar. Além de esse aprendizado ser, em si, importante, porque é central para a construção da autonomia dos alunos, cumpre o papel de contribuir com a objetividade desejada na avaliação, uma vez que esta só poderá ser construída com a coordenação dos diferentes pontos de vista tanto do aluno quanto do professor. (BRASIL, 1998, p.99).

Vimos então diferentes tipos de avaliações e procedimentos, mas não podemos esquecer que não existe uma única forma para a aprendizagem escolar, o professor tem de sempre refletir sobre suas práticas avaliativas e descobrir novas maneiras de ensino-aprendizagem, avaliando suas posturas diante do compromisso com os alunos. Ser professor é estar em constante pesquisa e construção de conhecimentos.

Para entender melhor avaliação e seus procedimentos, é importante lembrar que a escola passou por períodos históricos, abordagens e tendências pedagógicas, envolvendo as encontramos as diferentes concepções de avaliação, métodos e abordagens no processo educativo. Para ilustrar, cito a escola tradicional, a escola nova, a escola tecnicista, a escola construtivista/cognitivista e a escola progressista.

A escola tradicional possui características específicas pois “[...] os conteúdos desta modalidade pedagógica eram considerados verdades absolutas e a relação do professor com o aluno tinha caráter bem mais autoritário.”. (FERRAZ; FUSARI, p. 46,

2009). Os procedimentos e a avaliação tradicional eram realizados da seguinte forma:

O processo de ensino está centrado no conhecimento, na memorização, na repetição e na figura do professor, que ao avaliar adota atitude autoritária, percebendo o desenvolvimento intelectual do aluno, e por vezes, impingindo castigos corporais. Os instrumentos avaliativos mais empregados eram a prova escrita e arguição oral e, os resultados explicitados em notas, boletins, quadros de honra; as notas de excelência contempladas por prêmios, cadernos de ouro e outros. O temor aos mestres e a avaliação eram constantes. (LIBLIK; DIAZ, 2006, p. 20, 21).

As autoras mostram que na escola tradicional, a avaliação é vista como julgamento e o professor é autoritário, cujo “[...] aluno sofre com a ausência de diálogo, pelo fato de que as decisões fundamentais são tomadas por quem tem autoridade, algo que jamais pode ser questionado ou discutido.” (FERREIRA – Jr).

Percebe-se outro ponto vista da concepção de avaliação, na escola nova, onde o professor passa a ser o facilitador, orientador e o aluno o centro do ensino-aprendizagem, sendo bastante utilizada nesse período, a autoavaliação.

A auto-avaliação é utilizada como forma de dar vez e voz ao aluno. Adota-se uma postura mais democrática tentando avaliar o sujeito como um todo, com interesses e necessidades distintas. O aluno por sua vez começa a entender a avaliação como elemento importante para o seu crescimento. O professor observa, faz anotações, acompanha as transformações e as experiências vividas, valoriza a qualidade dos conhecimentos absorvidos e a auto percepção. Empregam-se conceitos como excelente, ótimo, muito bom, bom, regular e fraco para descrever o desempenho dos alunos. (LIBLIK; DIAZ, 2006, p.30,31)

Observa-se na escola nova que na construção do conhecimento, não tem mais os conteúdos como centro da prática pedagógica e o aluno começa a ter a possibilidade de descoberta, tornando os procedimentos focados no interesse dos alunos, ou seja, “é reconhecida pela ênfase nos aspectos afetivos e psicológicos do aluno.” (BRASIL, p.173, 2006).

Diferente da escola tecnicista, que se encontra um olhar de mensuração que segundo Liblik e Diaz, adapta e modela o aluno para o mercado de trabalho e o comportamento na sociedade, “a ênfase era dada à objetividade, racionalidade, organização, neutralidade e obediência.” (LIBLIK e DIAZ 2006, p. 34) tornando-se

“[...] um pesadelo para os professores, pois tiveram que adotar o modelo mecanicista de produzir planos, no quais tinham que executar a modelagem de objetivos educacionais, passando para os conteúdos, as estratégias e à avaliação.” (FERRAZ; FUSARI, p. 53, 2009).

O tecnicismo buscava sempre relacionar as vivências de sala de aula com trabalho e com relação a avaliação:

A auto-instrução na avaliação de objetivos instrucionais visava oportunizar retorno sobre a performance, o desempenho do aluno. As fichas de registro bem como os conselhos de classe determinavam ou não o avanço do aluno a partir de notas ou conceitos ou a combinação destes. O sistema de avaliação estava respaldado na produtividade do aluno. (LIBLIK; DIAZ, 2006, p.34)

Temos ainda o período da escola construtivista/ cognitivista, “Essa pedagogia escolar procura propiciar a todos os estudantes o acesso e contato com os conhecimentos culturais necessários para uma prática social viva e transformadora.” (FERRAZ; FUSARI, p. 53, 2009), propiciando o aprendizado de modo que o professor avalie as formas de construir os saberes. “O processo avaliativo se faz presente em momentos individuais e outros coletivos; há provas escritas e apresentação de trabalhos a partir de pesquisas realizadas pelos alunos. Importa o processo e importa o produto final.” (LIBLIK; DIAZ, 2006, p.52).

E por fim, segundo as autoras, a quinta abordagem da avaliação, que é a escola progressista, o aluno tem uma importância dentro do sistema escolar, ele é um sujeito que faz parte da sociedade e é preparado para práticas transformadoras.

O aluno é entendido dentro de sua realidade com múltiplas influências, em uma visão histórica. O que já foi vivido anteriormente em âmbito escolar constrói esse entendimento e a avaliação passa a ser vista como uma aliada para a aprendizagem, identificando avanços, e dificuldades superadas pela ação do docente. O aluno é estimulado a estudar dentro de uma perspectiva crítica e a criar novos saberes, percebendo a avaliação como um processo que orienta e aperfeiçoa a aprendizagem e no qual tem participação efetiva. (LIBLIK; DIAZ, 2006, p. 52)

Percebe-se então que na escola progressista já havia uma prática pedagógica, que pensa o aluno como um sujeito crítico e a partir do ensino e aprendizagem proporciona a construção de conhecimentos sobre a realidade e histórias do mundo em que vive, tendo também a participação do aluno no processo

de avaliação, a qual faz refletir sobre a ação pedagógica na escola e proporciona mudanças nos sistemas da educação, de forma que melhore a prática avaliativa. Vimos que em cada geração ocorreram mudanças no sistema avaliativo e novas discussões surgem acerca da prática da avaliação e é fundamental que o professores reflitam sobre o ato de avaliar na escola. Conforme Maria Teresa Esteban (2003 p.14,15):

Frequentemente a avaliação feita pelo professor se fundamenta na fragmentação do processo ensino/aprendizagem e na classificação das respostas de seus alunos e alunas, a partir de um padrão predeterminado, relacionando a diferença ao erro e a semelhança ao acerto. É a quantidade de erros e acertos que incorpora o comportamento, os hábitos e as atitudes dos alunos e as alunas, que orienta a avaliação do (a) professor (a).

Pensa-se que a escola é um lugar onde há diversidade, não há um modelo padrão de conhecimento e habilidades, cada aluno tem suas capacidades de desenvolver a aprendizagem no seu tempo, mas quando se avalia o aluno só com os erros, acertos ou valor do produto final, está jogando fora todo o processo de aprendizagem, esquecendo a sua cultura e desvalorizando os saberes avançados ou ampliação de repertórios, na construção de conhecimentos. Portanto, cabe ressaltar que assim como a avaliação teve diversas modificações em vários contextos, é fundamental que o professor esteja sempre avaliando não só o aluno, mas pesquisando, avaliando e buscando sempre melhorar suas práticas pedagógicas e avaliativas.



A AVALIAÇÃO NO ENSINO DE ARTE



3 A AVALIAÇÃO NO ENSINO DE ARTES

O ensino de Arte é uma disciplina necessária não somente para o aluno na escola, mas é conhecimento para a vida além do período escolar, pois é nas aulas de artes que se ajuda a construir o lado sensível e crítico do sujeito. É por meio de práticas avaliativas que descobrimos as problemáticas e as necessidades do aluno, levando à melhoria do ensino de artes para que possam, nas experiências estéticas com as linguagens artísticas, aprender a perceber e compreender o mundo que o cerca.

Para que isso aconteça é preciso que exista uma boa relação entre professor e aluno, de modo que ambos aprendam juntos, o que a arte tem para ensinar, não esquecendo que o professor tem a autoridade, mas não quer dizer que ele tem de ser autoritário, o importante é que haja uma interação respeitosa, onde o professor motiva e o aluno aprende, mas ambos enriquecem e aperfeiçoam juntos suas experiências estéticas, porque ambos estão sempre em processo de formação e aprendizagem.

Professor e aluno necessitam de formação contínua e aprendizagem permanente, em que o aprender, seja para ensinar, seja para seguir aprendendo arte ao longo da vida, é princípio para enfrentar um mundo repleto de mudanças, conhecimentos novos e incertezas nos horizontes econômicos, político, profissional, social e filosófico. (ARSLAN; IAVELBERG, 2007, p.6)

Quando há uma boa relação entre professor e aluno, ambos caminham juntos, de modo que facilita o processo de aprendizagem, possibilitando ao professor a pesquisa e proporcionando a partir de suas necessidades, experiências significativas. É importante no ensino de arte, ter o professor como proponente e pesquisador, que busca conhecer a realidade em que o aluno está inserido, para que possa por meio das linguagens da arte, prepará-lo para a sociedade contemporânea, mas ainda existem práticas antigas nas escolas, que muitas vezes não são abordadas de maneira que contribua para a melhoria do ensino de artes e a inovação das práticas do professor de arte.

Os cursos de formação inicial e contínua são muito importantes, porque a maioria dos professores tem conhecimento das novas propostas do ensino de arte, mas sente dificuldade de concretizá-los

em sala de aula. Não se pode ensinar aquilo que não se conhece. Para tanto é necessário que o professor entre em contato com o universo da arte, conceitos, procedimentos, valores e vivências, conheça os contextos de produção artística e reflita sobre as obras em seus diversos aspectos (histórico, geográfico, estético, político, social, étnico, de gênero). (ARSLAN; IAVELBERG. 2011. p.6)

Portanto, o ensino de arte está em constante mudança, a partir de novas orientações, outras práticas surgem e assim como o aluno aprende com o professor, ele também aprende com as suas práticas promovidas aos alunos, então o ensino tem muito a melhorar. O professor precisa sempre aprender, pesquisar e avaliar suas práticas metodológicas e avaliativas, para ampliar seus conteúdos em sala de aula, proporcionando não somente atividades, mas o contato, diversificado com a arte, vivenciando a apreciação e experimentação estética, a fim de levar consigo a aprendizagem significativa, o que contribuirá com o pensamento crítico e reflexivo do educando.

Existem as diversas possibilidades de avaliar conforme visto no capítulo anterior, que podem facilitar o processo da avaliação feita pelo professor conforme a necessidade da turma e ajuda também o estudante a observar seu próprio desempenho. Relacionando estas questões com a experiência que tive nas disciplinas de estágio na graduação e a realidade observada, pude perceber que quando o professor faz a avaliação somatória, ele empenha os critérios com ênfase no comportamento do aluno e na técnica utilizada na produção artística; na avaliação diagnóstica observei a dificuldade do professor em registrar as falas, os processos pois muitas vezes não ouve com cuidado o que o aluno diz em relação aos seus desenhos.

Na avaliação formadora em que o aluno tem a oportunidade de se autoavaliar, muitas vezes não é feito um diálogo entre professor e aluno, simplesmente pergunta-se ao estudante diante da turma: que nota você daria a si mesmo? Ou, que nota você merece?

Segundo as autoras Luciana Mourão Arslan e Rosa Iavelberg (p.81. 2007), “A avaliação não é um instrumento de controle do professor, de constatação pura e simples das aprendizagens, mas um instrumento de aprendizagem e reorientação do planejamento das situações de ensino”. Para avaliar, o professor tem de ter consciência do que ele está fazendo, analisar se a avaliação está contemplando os objetivos e conteúdos trabalhados em sala de aula e levar em consideração toda a

bagagem que o aluno carrega juntamente com a sua cultura. É importante nesse momento que o professor também tenha o olhar sensível para as produções dos alunos, observando suas habilidades e a compreensão do que foi proposto.

Ao avaliar, o professor precisa considerar a história do processo pessoal de cada aluno e sua relação com as atividades desenvolvidas na escola, observando os trabalhos e seus registros (sonoros, textuais, audiovisuais, informatizados). O professor deve guiar-se pelos resultados obtidos e planejar modos criativos de avaliação dos quais o aluno pode participar e compreender [...] (BRASIL, p. 54, 1998).

Entretanto, avaliar é uma decisão que requer do professor cuidados, pois se avaliar as produções artísticas sem ter ao menos consciência da cultura do aluno ou o que ele quis expressar pode causar bloqueios, ou seja, frustrações, decepções e rejeições às suas próprias produções artísticas. Avaliar exige comprometimento a fim de realizar uma intervenção significativa para o processo ensino e aprendizagem.

Conforme Marques e Brazil¹ (2006):

A avaliação significativa exige conhecimento da linguagem artística, da história, da relação entre o criador e o que foi criado. A avaliação exige fundamentação para que abra portas, aponte caminhos, construa pontes entre o trabalho artístico, o criador, o público e a sociedade. Daí a importância da avaliação em si: ela permite que saíamos do lugar comum, da mesmice, dos modismos, dos personalismos. A avaliação favorece o aprendizado, a nova realização com mais instrumentais, mais consciência, mais qualidade.

Ao avaliar é necessário que o professor registre os avanços, dificuldades e superações na disciplina, para realizar seus registros existem instrumentos que contribui com suas práticas avaliativas, como: provas, autoavaliação, portfólio, caderno de artista, pesquisas, relatos, entre outros. Todos são instrumentos que levam o aluno a reconhecer-se no processo ensino aprendizagem e cada um têm uma tarefa avaliativa importante para a análise do seu desenvolvimento.

Alguns conceitos ou concepções dos instrumentos avaliativos são necessários para lembrarmos da sua função na prática pedagógica, começando pela prova, que é muito conhecida e utilizada pelos professores na escola, “[...] como

¹MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fabio. **Arte se Avalia?** Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=10631. Acesso em 15/09/2014.

um instrumento formativo, onde o professor tenha claros os objetivos que direcionam seu trabalho, sem a finalidade de somente medir e atribuir nota, a prova pode ser um instrumento muito proveitoso para avaliar os alunos.” (CAMARGO, p. 49, 2010).

Outro instrumento de avaliação são os relatos que os alunos podem realizar a partir de atividades vivenciadas, contribuindo para a análise do professor, de modo que possa perceber na escrita a aprendizagem que o aluno teve ao realizarem a prática e o que foi significativo para ele.

Na autoavaliação o professor direciona perguntas aos alunos para que reflitam sobre seu desenvolvimento e sua aprendizagem, tomando cuidado ao aplicá-lo para que não seja simplesmente entregar um papel e pedir que escrevam. Conforme diz Liblik e Diaz (p.20, 2005) “nada de solicitar aos alunos que escrevam em um papel se gostaram ou não das atividades, qual é a nota que se daria, se os critérios para responder a estas questões não forem estabelecidos a priori.”. A pesquisa é um instrumento em que os alunos poderão descobrir e buscar conhecimentos em determinada tema proposto pelo professor.

Existe também o caderno de artista que Rocha (p.5, 2010) conceitua que:

Os chamados cadernos, escritos ou diários de artistas é uma forma de diálogo entre o artista e seu trabalho, bem como, seu processo criativo. Difere-se do livro de artista, pois trata - se de um objeto que não necessariamente apresenta-se como obra, e é um auxiliar na formação e organização do artista em sua produção, ao mesmo tempo, assemelha-se por carregar uma poética e uma estética que agrega valores a obra do artista. Esse material comporta grande importância no processo do artista, e em alguns momentos passa a ser fundamental para a reflexão sobre esse artista no campo da história e da crítica de arte.

O caderno de artista também pode ser utilizado como um instrumento avaliativo em que o aluno faz anotações, de ideias, cola imagens, desenhos, coleciona coisas que acham interessantes, conta suas sensações e experiências, facilitando tanto no processo criativo como na avaliação do professor. E temos ainda “Os portfólios de aprendizagem e de avaliação são conceptualizados como coleções sistemáticas e intencionais de evidências realizadas com o objetivo de demonstrar a aprendizagem e os progressos efetuados ao longo do tempo.” (DE FINA, 2009, apud PILLOTTO; ALVES, p.144, 2009).

Os instrumentos individuais são importantes para avaliar cada aluno, mas é importante também que o professor ofereça instrumentos coletivos, como: debates,

painéis, seminários, estudo de casos, trabalhos em grupo, etc. Segundo a autora Liblik e Diaz (p. 73, 2005):

Quanto maior for o elenco de instrumentos avaliativos ofertados ao aluno mais possibilidades ele terá para expressar a sua estrutura de conhecimento e todo o que mais estiver sendo avaliado. O emprego da escrita, da fala, do próprio corpo, de objetos distintos, de demonstrações, em diferentes situações, sozinho, em dupla ou em grupo dará certeza a possibilidade do professor chegar a escores mais fidedignos e uma avaliação interativa, dialética, em uma relação pendular, em que o aluno se vê parte integrante do processo como partícipe e também autor do ensino-aprendizagem.

Conforme a autora é importante que ofertemos trabalhos em grupos, como os debates, um instrumento que pode ser desenvolvidos com os alunos, criando uma situação, de modo que possam fazer argumentações a partir de pesquisa e suas opiniões em relação ao assunto tratado entre as equipes, refletindo sobre os diferentes pontos de vistas. Também podem os realizar os painéis que segundo Liblik e Diaz (p. 70, 2005) “[...] dão alegria aos alunos e dão vida ao espaço escolar.”. E ao possibilitar a elaboração de cartazes com o que aprenderam “[...] facilita o aprendizado de todos.”.

Os seminários são instrumentos de avaliação que disponibilizam uma busca de diferentes fontes sobre temas ou o texto proposto pelo professor em que o aluno compartilha com os colegas o que foi pesquisado.

Nos estudos de casos o professor pode “[...] apresentar uma determinada situação aos alunos e fazer com que eles procurem entender a situação em primeiro lugar e depois sugerir alternativas é prepará-los para o exercício da cidadania.” (LIBLIK; DIAZ, p.71, 2005) E para finalizar, o último instrumento apresentado pela autora que são os trabalhos em grupo, quando propiciamos que façam apresentações textos ou temas com reflexões dos participantes da equipe, podendo ser painéis, produção escrita, pesquisa, encenação, imagens, entre outros.

A avaliação em artes acontece nas diferentes linguagens artísticas, cada um com seus critérios e conforme suas especificidades, mas todas tem um processo de avaliação sistematizada, tanto da música, dança, teatro e artes visuais, há o processo de criação, produção, percepção, análise e conhecimento artístico e estético das artes que são avaliadas conforme os planejamentos do professor. Segundo Pillar (p.164, 1996)

Do ponto de vista das competências, cabe ao professor investigar as capacidades gerais, que seria, por exemplo, verificar o domínio que os alunos têm de linguagens (artes visuais, música, dança e teatro ou artes audiovisuais) e as competências específicas (por exemplo, se eles compreendem a diferenciação e a possibilidade expressiva e comunicativa de modalidades visuais tais como: desenho, pintura, fotografia; como se dá a apreciação e a leitura de imagens, movimentos, músicas, espetáculos; qual a extensão e o domínio de materiais etc.).

Para Martins, Picosque e Guerra (p.142, 1998) no processo de criação e produção o professor avalia se “O aprendiz produz trabalhos artísticos utilizando sua poética pessoal para expressar e comunicar imagens, idéias, pensamentos, sentimentos por meio da forma singular da representação estética. O que e como produz?”. No processo de percepção e análise a autora descreve questionamentos importantes para o professor verificar durante a avaliação, refletindo se: “O aprendiz frui arte? É sensível a ela? Como compreende, interpreta, reflete, critica, analisa, recria, reinterpreta o seu trabalho e o dos outros?” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, p. 143, 1998).

E por fim, avalia-se o conhecimento da produção artístico-estética, não esquecendo sempre de olhar para suas práticas propostas, lembrando seus objetivos e verificando se foi de alcance aos alunos para que tivessem aprendizagem e conhecimento levando em consideração o repertório que tem sobre arte.

Ao avaliar os conhecimentos artísticos e estéticos do aluno, devemos considerar os seguintes questionamentos:

O aprendiz constrói conceitos sobre arte? Relaciona e compara intenções e valores nas manifestações artísticas e estéticas do passado e da atualidade, na sua própria cultura e na de outros povos? Em que nível de profundidade? No teatro, na música, na dança, nas artes visuais, identifica autores e artistas de diferentes épocas, países, movimentos, gêneros nas diversas linguagens da arte? Situa as preocupações estéticas dos períodos da história da humanidade que foram trabalhados? Compreende e explica como as manifestações artísticas, a história e a cultura se influenciam mutuamente na produção e decodificação de seus produtos? Conhece as profissões artísticas (o músico, maestro, compositor, ator, bailarino, artista plástico, escultor, coreógrafo, estilista, dramaturgo, cineasta, diretor, gravador, arquiteto, ceramista, etc.)? (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, p.144, 1998)

Observamos que a avaliação em artes tem todo um processo sistemático e reflexivo, não é simplesmente analisar a produção artística se parece boa ou não e

muito menos só atribuir uma nota ao aluno. Há um compromisso e uma responsabilidade, pois é feito um diagnóstico e analisada a aprendizagem dele.

O DESENHO E A AVALIAÇÃO



4 O DESENHO E A AVALIAÇÃO

O desenho é uma manifestação artística, talvez a mais conhecida e muito encontrada no nosso dia-a-dia, como por exemplo, em cartazes, capas de cadernos, produtos, nos croquis dos engenheiros, ilustrações de livros, estampas de roupas, entre outras possibilidades. Quando se fala em desenho, a primeira coisa que vem a mente são os traços, riscos ou esboços que nós fizemos com lápis no papel, mas o desenho é muito mais que um lápis e um papel, ele envolve toda a nossa imaginação, pois antes de colocarmos no papel há uma construção intelectual do que se quer expressar e revelar. Edith Derdyk afirma que:

O ato de desenhar exige poder de decisão. O desenho é possessão, é revelação. Ao desenhar nos apropriamos do objeto desenhado, revelando-o. O desenho responde a toda forma de estagnação criativa, deixando que a linha flua entre os sins e não da sociedade. (DERDYK, p.46, 2004)

Não desenhamos por desenhar, sempre tem um porque estou desenhando isso, sempre há uma relação entre o desenho e o sujeito que está desenhando, gostando ou não do que se faz, há uma expressão, sendo negativa ou positiva. Quando o professor propõe uma metodologia com desenho, tem que analisar se o desenho está conforme os objetivos e conteúdos propostos em suas aulas, mas como fazem isso? Será que os professores costumam observar com olhar sensível o desenho dos alunos ou verificam técnica, vendo aquele que desenha bem ou desenha mal? Segundo os PCN (p.62, 2000):

[...] é preciso considerar as técnicas, procedimentos, informações históricas, produtores, relações culturais e sociais envolvidas na experiência que darão suporte as representações (conceitos ou teorias) sobre arte. Tais transformam-se ao longo do desenvolvimento à medida que avança o processo de aprendizagem.

As técnicas são importantes no processo de criação e para o desenvolvimento do aluno em suas produções, mas “os alunos também criam suas poéticas onde gera códigos pessoais.” (BRASIL, p.62, 2000), então temos de cuidar para não esquecer a poética e expressão em seus desenhos. Encontramos muitas vezes crianças que se sentem constrangidas pelo fato de não conseguir fazer um desenho

*lindo*² e acabam se sentindo inseguros, perguntando para o professor o que pode e o que não pode fazer, ficando presos aos desenhos estereotipados onde o coração tem que ser vermelho, o sol tem que ser amarelo, o céu tem que ser azul, o desenho não pode ficar sem chão e nem sair do papel. Essas afirmações estereotipadas que interferem na imaginação da criança.

Num exercício de identificar as interferências sofridas rotineiramente nas concepções de desenho, como exemplo, também podemos perceber alguns estereótipos na música Aquarela do Toquinho³:

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva
Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu

Vai voando, contornando a imensa curva norte-sul
Vou com ela viajando Havaí, Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela branco navegando
É tanto céu e mar num beijo azul

Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar
Basta imaginar e ele está partindo, sereno e lindo
E se a gente quiser ele vai pousar

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida
De uma América a outra consigo passar num segundo
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo [...].

Além do sol amarelo, do céu azul, do mundo que é um círculo, a letra da música fala do desenho no papel, mas será que desenho fica preso só ao papel? O que é desenho? Que tipos de desenhos existem? Geralmente entendemos o desenho como o rabiscar no papel, representando alguma figura, enquanto outros pensam no desenho aquilo que foi esboçado no papel e está pronto, também podemos pensar o desenho como aquilo que construímos intelectualmente ou imaginamos antes de colocarmos no papel. Definir o que é desenho é complexo,

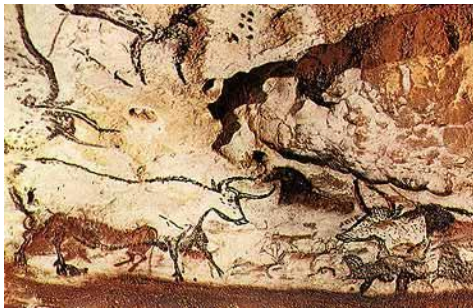
² A expressão *lindo* refere-se a um estereótipo, uma concepção pessoal de beleza ou de gosto do próprio professor e que nem sempre é compreendido ou compartilhado pelo aluno.

³ Disponível em: <http://letras.mus.br/toquinho/49095/>. Acesso em: 22/10/2014.

pois há várias maneiras que podemos conceituá-los e diversas finalidades, para percebermos as possibilidades de conceitos, históricos e funções do desenho.

Para contextualizar temos alguns exemplos de desenhos, como o *desenho como instrumento de comunicação ou representação da realidade*⁴, que está presente desde a pré-história, onde os homens primitivos desenhavam nas paredes das cavernas para se comunicar e faziam registros do cotidiano, utilizando matérias primas, foram “produzidas pelo Homem pré-histórico com o intuito de narrar cenas, de caracterizar representações de fatos da vida cotidiana.” (CRUZ, 2012).

Figura 01: Pintura rupestre - Lascaux. 15.000 a 10.000 anos A.C



Fonte: http://odesenho.no.sapo.pt/ls_desenho1.html. acesso em: 22/10/2014.

O *desenho decorativo* que é utilizado para decoração de ambiente ou objetos, uma atividade realizada muito pelos egípcios no Egito antigo. Segundo Cruz (2012), o desenho passou a ser utilizado nas tumbas e templos, que consideravam valiosos e quem raspasse os desenhos tinha condenação gravíssima, pois significava que o morto não possuía mais status e valor na sociedade egípcia.

Figura 02- Fragmento do livro dos mortos de Tebas - Egito, C/ 1000 AC

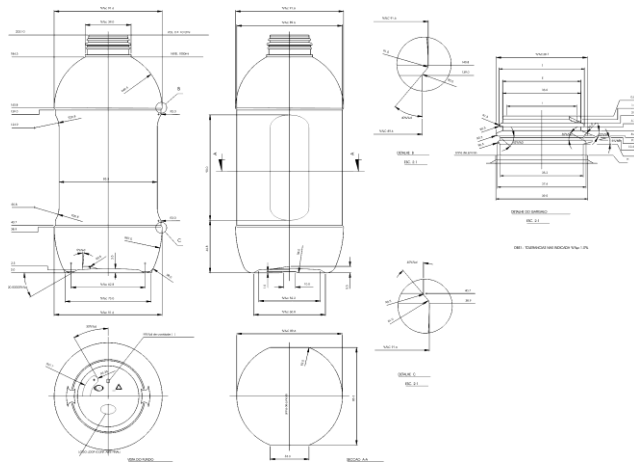


Fonte: http://odesenho.no.sapo.pt/ls_desenho1.html

⁴ Os exemplos de desenhos estão na imagens subsequentes.

Já os *desenhos gráficos e técnicos*, são feitos pelo designer, que busca ilustrar através técnicas do desenho e elementos gráficos, como formas, dimensões, cores, entre outras, a representação de um produto para fins comerciais, “[...] usado pelos projetistas para transmitir uma idéia de produto, que deve ser feita da maneira mais clara possível. [...] seus símbolos básicos, são usados para simplificar a linguagem gráfica [...]” (Arruda, p.2, 2004).

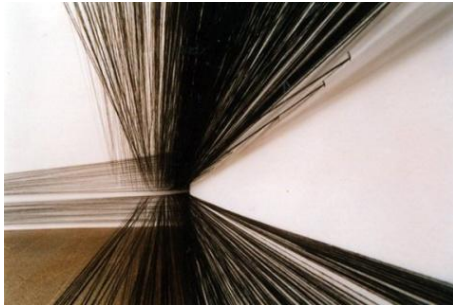
Figura 03: desenho técnico



Fonte: <http://www.loop.ind.br/1000ml-dt.htm>. acesso em: 22/10/2014.

E o *desenho artístico*, são obras de arte, que busca através do desenho e a sua poética, despertar e provocar nos expectadores a experiência estética. O desenho artístico “[...] propõe um pensamento sobre a própria arte, uma análise crítica da prática visual, interrogando e atribuindo novos significados ao se apropriar de imagens do nosso cotidiano.” (STUDZINSKI, p.24, 2013) quebrando os conceitos de que desenho é o deslizar do lápis, indo além das limitações do papel, utilizando diversos materiais e rompendo com os estereótipos que limitam e causam inseguranças.

Figura 04: Derdyk, Veloz – 1998



Fonte: <http://www.idealixa.com/quando-a-linha-toma-forma/>

Figura 05: Edith Derdyk, Rasures III- 1998



Fonte: <http://www.idealixa.com/quando-a-linha-toma-forma/>

A avaliação do desenho é um aspecto muito relevante neste contexto e não se dá só por meio da análise da produção, é importante ter o diálogo com o aluno sobre sua poética e sobre suas produções. Pillar (p.165, 1996) ressalta que:

Para avaliar-se o percurso criador de cada aluno, é necessário um acompanhamento constante, observando-se os trabalhos e até fazendo registros dessa observação (em forma de textos, gravações, fotografias), de modo a poder-se verificar o processo pessoal e a aprendizagem. Além dos resultados, o processo de produção artística pode ser verificado, por exemplo, por intermédio de conversas, textos e debates com os alunos e análise das pastas (portfólios) que devem conter todo o desdobramento dos trabalhos.

Ao avaliar o desenho não podemos esquecer-nos de verificar o processo, pois para realizar uma atividade de desenho precisa-se proporcionar a apreciação, contextualização e compreensão da arte no contexto social e cultural, para que possa realizar uma produção significativa, se não será um desenho só por fazer, sendo que não haverá uma vivência estética valorizada, ou seja, seria como se tivesse trabalhando a arte como um passatempo e não como uma disciplina que tem conteúdos específicos.

Para avaliar os desenhos também devemos tomar cuidados no momento que formos conversar com alunos ou analisar seus desenhos. Segundo consta na revista Nova Escola⁵:

⁵ ACHCAR, Tatiana. **Pequenos artistas**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/pequenos-artistas-422892.shtml>. Acesso em: 15/10/2014

A avaliação dos trabalhos também vai determinar a evolução das futuras produções artísticas. Por isso, é necessário valorizar o desenho de todos e dialogar com os alunos sem impor o juízo estético adulto. Perguntar "o que é isso?" aos pequenos ou pedir que eles contem a história do desenho não é recomendável. "Isso induz a criança a tentar interpretar o desenho e a dar nome a traços que não foram feitos com a preocupação de serem nomeados. É preferível pedir que a criança fale do seu trabalho.

Assim como devemos ter cuidados com o desenho das crianças, também temos de respeitar os desenhos dos adolescentes, pois a fase durante o ensino fundamental é o momento em que comumente os alunos vão perdendo o encanto pelo desenho e ao constranger com perguntas ou práticas que ofendam, faz mais ainda os adolescentes abandonarem o desenho.

Vigotsky (1998) adverte que à medida que a criança vai crescendo e se aproximando da adolescência o gosto por esta atividade vai diminuindo, pois, vão se desiludindo com o desenho, acreditando não saber desenhar. Geralmente este esfriamento acontece entre os 10 e 15 anos, porém após esta idade algumas crianças e jovens "melhores dotadas artisticamente" (VIGOTSKY, 1998, p. 93) ou que recebem algum estímulo da família ou escola podem voltar a inclinar-se a esta atividade, outras, entretanto, abandonam o desenho por inteiro. (VIGOTSKY, 1998, apud, OLEQUES, p.3, 2009)

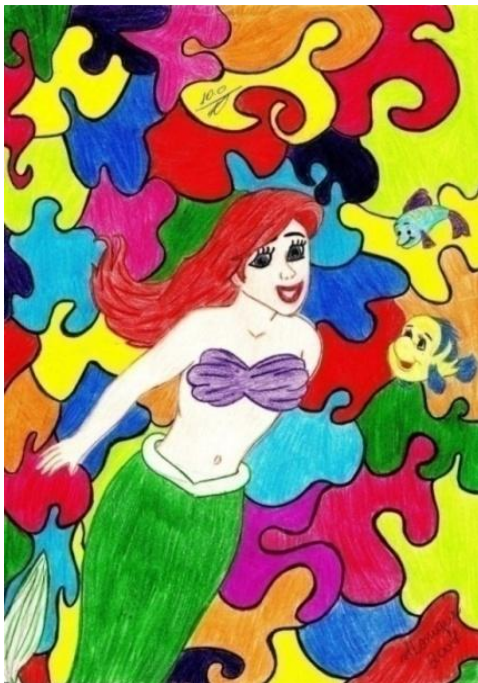
Também é importante que possamos, ao envolver os adolescentes nas vivências artísticas, conversar sobre o processo avaliativo, para que tenham consciência dos critérios e objetivos das atividades, deixando claro para eles o processo, causando segurança nas suas produções e diminuindo as frustrações que sentem quando dizem não saber desenhar. Nesse momento também é preciso que o professor analise os critérios avaliativos utilizados observando se não está indo só pelas atitudes e comportamentos ou só pelas técnicas, pois muitas vezes "citam como importante: *acabamento, capricho, limpeza, criatividade, participação, comportamento/disciplina, interesse, pontualidade na entrega dos trabalhos.*" (BOHN; SILVIA, 2013).

Por vezes, o professor acaba esquecendo os conteúdos abordados nas práticas pedagógicas, no qual se encontra a existência de prática tradicionais e a fragilidade da avaliação, que não contribui com a melhoria do ensino de arte nas escolas, para refletirmos sobre as práticas pedagógicas trago exemplos de desenhos vivenciados na Educação Básica, na qual se faz presente a fragilidade da avaliação.

4.1 FRAGILIDADES NA AVALIAÇÃO DO DESENHO

Uma das fragilidades no ensino de artes é a questão do conteúdo, pois muitas vezes são abordados, mas no momento da avaliação não são evidenciados, como é o caso do desenho a partir da arte abstrata (figura 06), que, entre outros apresentados em seguida, são desenhos de minha autoria, elaborados durante a Educação Básica, quando vivenciei situações semelhantes ao que ainda existem atualmente.

Figura 06: Desenho a partir da arte abstrata



Fonte: acervo da pesquisadora.

Nesse desenho a professora conduziu uma atividade com a arte abstrata, pedindo que fizéssemos o desenho abstrato. É possível perceber que não houve um entendimento da proposta, porém mesmo assim a avaliação do desenho é uma nota alta, mas o objetivo ou o conteúdo não foram alcançados, já que não é abstrato. Ao realizar as atividades abordando os conteúdos de artes, também deve-se ter o cuidado com os objetivos e os procedimentos avaliativos em relação aos conteúdos, pois muitas vezes os mesmos são evidenciados nas aulas, mas no processo avaliativo esquecemos de levá-lo em consideração. Conforme Bonh e Silva (2013):

Ao relatar o processo de avaliação, tanto professores, quanto estudantes apontaram que: quanto mais próximo a cópia fiel, melhor a nota. Quanto mais os estudantes sabem sobre a biografia dos artistas (em exercícios ou provas), melhores notas terão. Ou seja, a avaliação é quantitativa e prioriza a reprodução e a memorização. Cabe então, o questionamento: quais as alternativas possíveis para que possamos romper com essas concepções, avançando para uma avaliação qualitativa, que valorize os processos de aprendizagem e a construção de saberes em Arte?

Para valorizar os processos de ensino aprendizagem no ensino de artes é preciso refletir sobre práticas antigas que ainda existem e algumas delas são a releitura, memorização e reprodução de obras e biografias de artistas. Segundo a autora Ana Amália Barbosa (p.144, 2010):

[...] o que tenho visto são professores que trabalham a releitura como cópia. [...], pois acreditam estar fazendo releitura. Colocam determinado quadro (e, na maioria das vezes, tenho visto Tarsilas, Portinari ou Anita) na frente dos alunos. Conversam com os alunos sobre o que estão vendo, contam alguma coisa da história do artista ou do quadro e pedem para os alunos criarem algo a partir deste quadro. [...] Os resultados são trabalhos em que o aluno tenta agradar o professor copiando a obra ou o próprio professor acha que o melhor resultado é o que encontra mais próximo representacionalmente da obra, em questão.

A partir da concepção de Ana Amália sobre a prática da releitura no ensino de artes, apresento também nas figuras 07 e 08 onde essa prática, se fez presente no desenho realizado nas aulas de artes e a obra de Flávio Rezende Carvalho, no qual a professora fez a apresentação da imagem da obra e do artista e em seguida solicitou que fizéssemos uma releitura usando-as como referencial, mudando só alguns elementos da obra e ao mesmo tempo falava que quanto mais o desenho ficasse parecido melhor. A avaliação seria quantitativa pela releitura, observando a figura 7, foi possível perceber que foi feita a solicitação da professora fazendo cópias de alguns elementos e mudando alguma delas, não entende-se como foi a avaliação, levando a me questionar, afinal o que ela avaliou?

Figura 07: Produção realizada a partir da obra de Flávio Rezende de Carvalho.



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 08: Retrato da Pintora Tarsila de Flávio Rezende de Carvalho.



Fonte:

http://masp.art.br/2013/acervo_obra.php?id=425.

Acesso em: 20/10/2014.

Percebemos nessa prática que para realizar a avaliação devemos saber o que estamos proporcionando e entender do conteúdo, pois para lecionar e avaliar nesse momento a professora precisava primeiramente rever o que é releitura. Segundo Barbosa (p. 145, 2010) releitura é “Reler, ler novamente, dar novo significado, reinterpretar, pensar mais uma vez. [...] É olhar o mundo a nosso redor e criar a partir de tantas coisas que vemos no mundo, na arte, na TV... enfim tudo aquilo que nossa retina pode ser usado.”. E não simplesmente realizar uma atividade através de cópias e técnicas do desenho.

Outro cuidado que devemos ter é com relação às datas comemorativas, pois muitas vezes são realizados desenhos sem haver uma contextualização ou vivências artísticas procurando relacionar com os conteúdos da disciplina. É o caso das figuras 09 e 10, atividades solicitadas pela professora, quando tínhamos que produzir um desenho sobre datas comemorativas sem ter ao menos uma apreciação, ou seja, era simplesmente o fazer por fazer. Analisando-os podemos

refletir sobre a avaliação desses desenhos e observamos que a nota é mais pela produção e técnica e não levando em consideração os conteúdos que poderiam ser explorados pela arte.

Figura 09: Desenho sobre o Halloween.



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 10: Desenho sobre a copa.



Fonte: acervo da pesquisadora

Nas práticas pedagógicas encontra-se muito a utilização do desenho livre pois importante é que os alunos tenham esse momento de expressar e desenvolver livremente sem se preocupar com as limitações dos conteúdos ou temas, mas “Essas atividades, que emergem principalmente como “desenho livre”, fazem com que os conteúdos surjam de maneira aleatória, sem significações ou sentidos.” (BORN, p. 67, 2012), por isso precisa-se também tomar cuidado com o excesso de desenhos livre que são utilizados só para deixar os alunos em silêncio ou para o imprevisto de uma aula não planejada.

Figura 11: Desenho livre



Fonte: acervo da pesquisadora

E por fim temos que cuidar com as interferências feitas pelo professor nos desenhos dos alunos ao escrever sua avaliação, que é caso dos desenhos realizados nas aulas de artes, que foram vistos no decorrer do texto. O desenho do aluno tem expressão e é significativo para ele então, escrever sobre os desenhos é invasivo e agressivo decepciona-os. Ao realizar as avaliações é bom se questionar: você escreveria em cima de uma obra de arte?

Refletindo sobre as diferentes configurações dos desenhos e possibilidades de avaliação, na experiência de estágio com os adolescentes, foi possível perceber que ainda existem essas inseguranças com ensino fundamental II, que muitas vezes achavam que a nota era pelo capricho do desenho e não o conteúdo. Um dos motivos que causam esses bloqueios, pode ser a avaliação e valorização da produção artística do aluno durante a vida escolar, que dizem frequentemente não saber desenhar.

Concluindo, percebemos que avaliar o desenho não é uma tarefa simples, há que se ter todo o cuidado e reflexão, para que não tenhamos uma avaliação fragilizada ou não venhamos causar consequências na aprendizagem do aluno, então antes de avaliar os desenhos dos alunos, precisamos avaliar nossas práticas pedagógicas, para que possamos buscar sentidos e significados para nossas ações.

5 METODOLOGIA

A presente pesquisa realizada como trabalho de conclusão de curso, insere-se na linha do Curso de Artes Visuais Educação e Arte, quanto sua classificação é uma pesquisa básica, cuja intenção é de gerar conhecimentos para a contribuição na educação e formação acadêmica. A pesquisa é qualitativa pois “tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação.” (MAANEN, apud, NEVES, p. 1, 1996).

Buscando nos levantamentos teóricos das pesquisas já existentes e os dados coletados na pesquisa de campo, apresento uma discussão sobre o tema avaliação do desenho no ensino de artes. Possui características de pesquisa descritiva por promover “à obtenção de informações sobre um fenômeno ou sobre determinada população e à descrição de suas características; também se referem ao estabelecimento de relações entre variáveis”. (LEAL, p. 32, 2011). Utilizando como instrumento investigativo os questionários, também caracteriza-se como pesquisa exploratória, pois “[...] permite um conhecimento mais completo e mais adequado da realidade” (PIOVESAN; TEMPORINI, p. 324, 1995). Foram desenvolvidos embasamentos teóricos sobre os processos avaliativos em artes visuais e suas especificidades, analisando, relacionando e interpretando as informações levantadas na pesquisa teórica e de campo.

A pesquisa realizada é sobre arte e sobre educação objetivando construir conhecimentos sobre a avaliação do desenho no ensino de arte, para contribuir com a melhoria das práticas da avaliação do desenho pelo professor nas escolas. A escolha foi por uma pesquisa de campo coletando dados com alunos do ensino fundamental, partindo da discussão do seguinte problema: Quais as práticas evidenciadas na avaliação dos desenhos no ensino fundamental II, a partir da percepção dos alunos?

Para verificar as práticas desenvolvidas nas escolas, foram elaborados questionários aos alunos do sexto ano do ensino fundamental II, com o objetivo de compreender como os alunos percebem a avaliação de seus desenhos, no intuito de verificar os procedimentos e concepções envolvidos nos processos avaliativos realizados pelos professores de arte do ensino fundamental II. Foram distribuídos

questionários para sete escolas, porém algumas não retornaram. Mas os que aplicaram e deram retorno foram cinco escolas, públicas e particulares. A intenção foi de analisar diferentes realidades e as práticas avaliativas evidenciadas em cada uma delas então, os questionários foram entregues aos diretores e professores, que entregaram aos cinco alunos de sua escola, que tiveram interesse em participar da pesquisa.

As escolas foram escolhidas conforme a localização, possibilidade de conversar com os diretores e professores, e selecionados por diferentes tipos de rede de ensino, como: escolas estadual, municipal e colégio particular, pois acredita-se que olhar para diferentes realidades contribui para a ampliação do olhar do professor e acadêmico para a sua formação como professor-pesquisador, não só fora do contexto escolar que atua, mas que observe outras realidades e faça reflexão de seu cotidiano escolar. Segundo Penteado (p. 39, 2010)

O “professor-pesquisador” é aquele que, ao ensinar, pesquisa o seu ensino; toma conhecimento sobre o ensino e sobre a prática docente como cerne do seu ofício. Já o “pesquisador-professor” é o acadêmico que pesquisa e ensina a pesquisar, tendo na pesquisa o cerne de seu ofício. Encontram-se umbilicalmente reunidos na e pela realização da pesquisa-ensino, de maneira unívoca, da qual depende o produto de seus trabalhos, diferentes entre si, mas de igual importância e significado nos processos científicos de produção do conhecimento sobre o ensino escolar.

Através da pesquisa de campo, percebeu-se a postura do profissional em cada realidade escolar. Podemos chamar de pesquisa-ensino e reforçamos sua contribuição para a formação de conhecimentos, que faz além de conhecer diversos cotidianos escolares, conhecer as práticas do professor nas escolas e a possível melhoria do ensino. É possível refletir sobre a importância do estágio e da pesquisa na escola.

5.1 EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO E PESQUISA NA ESCOLA: POSSIBILITANDO UM ENSINO REFLEXÍVEL.

A opção metodológica é de apresentar elementos dos dados coletados no campo da educação e as experiências de pesquisa na escola iniciaram-se no cumprimento da disciplina de estágio que faz parte do curso de licenciatura em Artes Visuais, oportunizando a partir da observação e docência, o contato, o olhar reflexivo

e de pesquisador do cotidiano escolar e das práticas pedagógicas, quando se percebiam situações problemas que serviram para estudo da realidade, dando norte à elaboração de projetos e realização da pesquisa de TCC.

O estágio é uma forma de aproximar o acadêmico em formação da realidade escolar para que a partir da teoria possa vivenciar a prática na educação, preparando para as situações futuras. Conforme Pimenta (p.40, 2005), “[...] propõe-se a prática em seu sentido amplo seja dominante e absoluta, pois da realidade virão problemas a serem analisados”.

Enquanto conhecemos o cotidiano na escola, podemos ter informação sobre seu funcionamento e assim ter um olhar crítico realizando pesquisas e diagnósticos para que possamos de alguma forma contribuir com a melhoria do ensino nas escolas. Por meio de estudo e reflexão das experiências no estágio curricular, há o enriquecimento da formação do acadêmico como professor-pesquisador, pois “partindo do pressuposto de que a atividade docente precisa ser cientificamente estudada[...]” (PIMENTA, p. 53, 2005) acredita-se que é importante a inserção do acadêmico nesse ambiente, possibilitando o ensino reflexivo e contribuindo também para a prática do professor.

[...] o ensino reflexivo possibilita o conhecimento do resultado do ensino e as variáveis que contribuíram para o aumento da aprendizagem, tais como o planejamento do professor, a motivação dos alunos e as habilidades e/ou experiências anteriores dos alunos etc. (PIMENTA, p. 55, 2005).

Para que tenha a possibilidade de um ensino reflexivo e aprendizagens significativas no cotidiano escolar, é necessário que haja pesquisa e estudo da sua realidade, investigando soluções para situações problemáticas e contribuindo para o avanço no desenvolvimento educacional. É nas experiências de pesquisa-ensino que aprendemos de alguma forma, a enfrentar situações problemas do dia-a-dia, mas deve-se ter o hábito de pesquisa não somente quando está em formação, e sim continuamente. Conforme Penteado (p. 49, 2010)

Desenvolver a capacidade de pôr-se no lugar do outro, ou seja, o professor deslocar-se para o lugar de seu aluno, para o aluno que também foi um dia e para o aluno que simultaneamente somos no exercício da docência é fundamental para o desempenho docente que possa conduzir os professorandos em formação, do “professor introjetado” ao “professor

projetado”, pelos caminhos observados no cotidiano de docentes em exercício, pela partilha dos problemas observados nesse cotidiano e pelas condutas colaborativas de intervenção nesse cotidiano, visando à superação dos mesmos.

Os professores conduzem professorandos em formação colocando-se no lugar, em busca de superação de problemas partilhados e colaborando com a aprendizagem e formação de ambos. A partir da pesquisa realizada nas escolas sobre a prática da avaliação, pretendo ainda dar o retorno das oportunidades e experiências vivenciadas na pesquisa, propondo um projeto de curso, para uma palestra de socialização e discussão da importância da avaliação na educação.

A caracterização é de uma partilha dos conhecimentos mobilizados ao elaborar o trabalho de conclusão de curso, junto aos professores da Educação Básica e aos acadêmicos do curso de Artes Visuais (projeto disponível no apêndice B).

6 O OLHAR DOS ALUNOS

A coleta de dados foi realizada em cinco escolas, sendo duas particulares e três públicas, onde contatei os diretores e professores de artes pedindo a colaboração, para a aplicação dos questionários aos alunos do sexto ano do ensino fundamental II. Foram distribuídas em cada escola o termo de consentimento e cinco questionários juntamente com as autorizações para os pais, sendo entregues a cinco alunos que tivessem interesse em participar da pesquisa e que os pais autorizassem. Nos questionários os alunos tiveram a opção de escolher o tipo de identificação do nome na pesquisa e 14 alunos optaram por nome completo, 9 optaram por pseudônimo e 1 optaram por letras iniciais.

A apresentação das perguntas e respostas coletadas será de forma agrupada para melhor compreensão e análise do que os alunos responderam, mantendo a redação conforme foram escritas por eles e sendo assim analisadas com vistas às questões de pesquisa.

Questão 1- **Você faz desenhos e suas aulas de artes? Cite um exemplo:**

Vinicius Farias Manenti: *“Sim, quando temos trabalhos alguns deles são com desenho Ex= Fizemos alguns desenhos no livro, em um deles tínhamos que desenhar o nosso mundo.”.*

Maria Clara Machado Berkenbrock: *“Sim, Por exemplo, na ultima aula de Artes fizemos um desenho da forma que a música mostra seus sentimentos, ou então o nosso mundo perfeito.”.*

Camille Laurindo Silveira: *“Sim, muitos. Desenhamos diversas coisas direcionadas á alguns assuntos como: registro do cotidiano”.*

Eloise de Oliveira Rosso: *“Sim. Exemplos: Desenho sobre culturas, desenhar o sentimento que desperta uma musica, ou seja, a música que a gente mais gosta e entre outras coisas dinâmicas e que ajudam também em nosso aprendizado.”.*

Sophia Michels: *“Sim, quando é solicitado pelo professor.”*

Bugware: *“Sim stiquer e grafite”.*

Hadis: *“Sim. Lambe lambe, Graffite e stiquerti.”*

Vitória de A. Bezerra: *“Sim Grafite Labe Labe”*

Cadu: *“Sim – lambilambi – grafiti – é atividades em sala de aula”.*

Amabile Vitória Costa Melo: *“Sim. Lambe, Lambe. Grafite”.*

Manoela Duarte Tomaz: *“Sim linhas”*.

Guilherme de Moraes Graciano: *“Sim, muitos, ex: maquetes, desenhos de Artistas e etc...”*.

Suiane de Oliveira Savid: *“sim muitas já fiz desenhos de paisagens de boneca etc...”*

Beatriz Formentin Gomes: *“Sim, a guernica um desenho que representa a guerra.”*.

Sthefani S. Felisberto: *“Sim”*.

Lais Martins: *“Sim, histórias em quadrinhos e trabalho que vale 5,0 e provas.”*.

Duda: *“Sim, histórias em quadrinhos, nas provas e em alguns trabalhos.”*.

Caroli: *“Sim. Histórias em quadrinhos, bonecos e pop artes.”*.

Juuh: *“Sim, nós desenhamos histórias em quadrinhos, nas provas, e em alguns trabalhos.”*.

Ju: *“Sim, nós desenhamos nossos rostos em tecido.”*.

KCC: *“Sim, pessoas, carros, casas, desenhos abstratos.”*.

Emili de Jesus Mota: *“Sim. Flores, casas, pessoas e etc.”*.

Vitória Rabelo Matos: *“Sim. Arte Rupestre...”*.

Tailane Seberino Tavares: *“Sim. Desenhos abstratos.”*.

Para Martins, Picosque e Guerra (p.118, 2009) “O que decoramos ou simplesmente copiamos mecanicamente não fica em nós. É um conteúdo momentâneo, por isso conhecimento vazio que, no decorrer do tempo, é esquecido. Não faz parte de nossa experiência.” Concordando com a autora, acredita-se que tornar a aula de artes significativas não é simplesmente fazer um desenho por fazer ou por copiar, mas sim provocar outros olhares para aquilo que já existe.

Conforme os dados coletados é possível perceber que todos costumam fazer desenho nas aulas e nas provas de artes, que alguns professores costumam utilizar diferentes suportes no desenho, trabalham artes visuais e outras linguagens. A maioria dos alunos lembra das atividades e obras que foram apresentadas pelo professor, demonstrando que de alguma forma a atividade com desenho significou alguma coisa a ele e que por mais que tenham algum conflitos ou problemas no ensino de artes, existem professores que motivam esses olhares diferenciados..

Questão 2- Como você acha que seu professor de artes avalia seus desenhos? Explique:

Vinicius Farias Manenti: *“Eu penso que o professor de artes avalia os desenhos pela criatividade e não muito pela qualidade do desenho.”*.

Maria Clara Machado Berkenbrock: *“Eu penso que ele não avalia pela beleza e sim pelo contexto e se está dentro do conteúdo.”*

Camille Laurindo Silveira: *“Pelo desenvolvimento, ou seja, ele avalia pela produção e não só pelo resultado.”*

Eloise de Oliveira Rosso: *“Eu penso que ele avalia pelo desempenho pela dedicação, pelo comportamento durante todo o trabalho (desenhos). E também para o desenho ficar caprichado ele nos ajuda em alguns traços e assim ele fica completo”*.

Sophia Michels: *“Muito bem, pois como ele fez faculdade sabe avaliar os desenhos da melhor maneira possível”*.

Bugware: *“bem pois ele conhece o tipo de desenho que eu faço”*.

Hadis: *“Ele avalia com observação há forma original”*

Vitória de A. Bezerra: *“com atenção, dedicação, organização etc...”*

Cadu: *“bom – Porque ele sabe avaliar”*.

Amabile Vitória Costa Melo: *“com atenção e profissão”*.

Manoela Duarte Tomaz: *“Não. Formas mas a pintura”*.

Guilherme de Moraes Graciano: *“Sim porque meus desenhos não são aquela coisa e até que ela dá umas notas razoáveis”*.

Suiane de Oliveira Savid: *“a não sei do jeito que ela avalia os outros, se ficou bom ou não”*.

Beatriz Formentin Gomes: *“Avalia conforme a capacidade de cada aluno.”*

Sthefani S. Felisberto: *“pela dedicação que a gente tem quando estamos desenhando”*.

Lais Martins: *“Pintura, capricho, dedicação e etc.”*.

Caroli: *“Sim. A gente desenha nas provas. Ele avalia pelo desenho, pela pintura, a dedicação e o capricho.”*

Juuh: *“Pela pintura, capricho, dedicação, entre outras coisas...”*

Ju: *“Eu acho que ele avalia pelo capricho, pois tem pessoas em nossa sala que fazem por fazer.”*

KCC: *“pelo capricho pela imagem, criatividade e etc.”*.

Emili de Jesus Mota: *“Com cuidado e atenção porque sem esses dois critérios o professor não vão conseguir ver os erros muitos pequenos e que nem aparecem.”*

Vitória Rabelo Matos: *“Acho que ele avalia se me esforcei para fazer o que foi pedido, se ficou caprichado etc.”.*

Tailane Seberino Tavares: *“Bem. Porque eu tenho muita criatividade quando faço meus desenhos, além disso eu capricho muito para que eu tire nota boa.”.*

Em relação ao que os alunos pensam de como o professor avalia, percebe-se que só uma aluna disse que o professor avalia pelo o conteúdo abordado e não a beleza, o restante acredita que o professor avalia pelo capricho, dedicação e criatividade. Conforme Liblik (p.75, 2006) “O que se verifica na avaliação dos exercícios plásticos é que muitos professores, ainda hoje, atribuem nota pelo chamado capricho, pelo controle motor ou pelo que concebem para si como belo”.

Chama a atenção dois pontos de vistas em relação a essas falas dos alunos, primeiro se os professores estão avaliando pelas atitudes e segundo, se os professores avaliam os conteúdos e para os alunos é só o capricho, criatividade e dedicação, então, o que se percebe é a falta de socialização, não deixando claro para eles de como ocorre a avaliação e quais são os seus critérios.

Questão 3- Que sentimentos a avaliação realizada pelo professor de artes desperta em você? Por quê?

Vinicius Farias Manenti: *“Ânimo, pois artes é uma matéria muito boa e divertida de se trabalhar”.*

Maria Clara Machado Berkenbrock: *“Curiosidades, pois não tenho certeza se é dessa forma que ele avalia.”.*

Camille Laurindo Silveira: *“Fico curiosa antes de receber a nota porém depois vejo que valeu a pena o esforço”.*

Eloise de Oliveira Rosso: *“Dependendo da avaliação às vezes ele tem toda razão, mas as vezes algumas pessoas mencionam e ficam bravos por o professor de arte tirar um menos no qualitativo, mesmo o professor sendo muito tolerável”.*

Sophia Michels: *“Um sentimento de capacidade de realizar ou alcançar o objetivo do qual o professor solicita”.*

Bugware: *“Grafite pois é muito legal usar”.*

Hadis: *“Capricho. Porque ele ve a forma do desenho e a pintura.”*

Vitória de A. Bezerra: *“carinho, amizade, união entre outro sentimentos Porque? Pelo modo do desenho”.*

Cadu: *“Capricho – Porque no capricho ele ve o desempenho”.*

Amabile Vitória Costa Melo: *“conhecimento. Porque nunca vi nada igual”.*

Manoela Duarte Tomaz: *“tudo. Porque ela é muito legal”.*

Guilherme de Moraes Graciano: *“Fico feliz porque é ma aula diferente”*

Suiane de Oliveira Savid: *“um sentimento de carinho pelo trabalho dela e pra tirar notas boas”.*

Beatriz Formentin Gomes: *“Eu fico feliz porque tiro notas boas”.*

Sthefani S. Felisberto: *“é importante. Porque se ela avalia e me da uma nota boa no próximo desenho eu tento e dedicar mais”.*

Lais Martins: *“Alegria de fazer uma arte.”.*

Duda: *“Achar que é algo legal, um passatempo divertido.”.*

Caroli: *“Alegria e nervoso. Porque eu adoro desenhar e eu sinto que estou fazendo eu melhor.”.*

Juuh: *“Ter dedicação a fazer isto, achar que é uma coisa boa para o meu futuro.”.*

Ju: *“Um pouco de ansiedade, porque acho que não estudei o suficiente.”.*

KCC: *“Alegria, porque eu olho oque eles fazem muito legal criativo.”.*

Emili de Jesus Mota: *“Alegria. Porquê eu sei se meu professor avaliar meus desenhos e se ficou bonito eu vou tirar boas notas e isso explica que o professor gostou.”.*

Vitória Rabelo Matos: *“Felicidade. Porque sei que a professora viu que me esforcei, mesmo que meu desenho não tendo ficado dos melhores.”.*

Tailane Seberino Tavares: *“Eu fico alegre, por que é muito bom aprender coisas novas, e eu adoro as aulas de artes.”.*

Conforme a questão respondida sobre os sentimentos que a avaliação desperta nos alunos, podemos observar a satisfação com as avaliações, pois a maioria revela sentimentos positivos, como felicidade, alegria, ansiedade, capacidade e carinho, isso demonstra que a avaliação é importante para eles, pois reconhecem suas atitudes, habilidades e desempenho nas aulas de artes através delas. A avaliação para eles, não é só um instrumento que traz angústias, mas também motivação para continuar melhorando no processo de aprendizagem, então, assim como podem motivá-los se for feita de maneira frágil pode também prejudicá-los não só nas notas, mas no aprendizado do aluno.

Questão 4 - Com que critérios você entende que deveria ser feita a avaliação dos desenhos? Justifique:

Vinicius Farias Manenti: “ – *Criatividade= sem criatividade os desenhos não ficam nada agradáveis. – Qualidade= O desenho deve ficar bem apresentado*”.

Maria Clara Machado Berkenbrock: “*Pelo qual penso que meu professor avalia, como disse na questão de número “2”.*”.

Camille Laurindo Silveira: “*Exatamente como ele avalia, não dando valor apenas ao resultado mas sim á produção.*”.

Eloise de Oliveira Rosso: “*Critérios: Quem se comportasse, dedicasse e se responsabilisasse que o desenho fosse um trabalho avaliativo e deveria ser entregue nas datas estipuladas, deveria ser muito bem avaliado. (com elogios).*”.

Sophia Michels: “*capricho e desempenho pois algumas pessoas fazer de qualquer jeito mas outras fazem com muito capricho e desempenho.*”

Bugware: “*ele olhando o capricho do aluno pois dar para avaliar bem*”.

Hadis: “*capricho indentificação etc...*”

Vitória de A. Bezerra: “*capricho, organização, desempenho, criatividade etc... Justifique: Ter organização*”.

Cadu: “*conhecimento – capricho/organização*”.

Amabile Vitória Costa Melo: “*capricho, organização, criatividade e desempenho*”.

Manoela Duarte Tomaz: “*Cauma, observando a pintura 1º e depois o resto, porque vai ser melhor*”.

Guilherme de Moraes Graciano: “*Com tintas.*”.

Suiane de Oliveira Savid: “*a sei-la mesmo que fique ruim sempre tem que dar uma chance etc...*”.

Beatriz Formentin Gomes: “*Pelo caprixo, pelas cores.*”.

Lais Martins: “*Pelo capricho dedicação.*”.

Duda: “*Pelo capricho na pintura, no fundo do desenho, pois os desenhos avaliados de forma artística.*”.

Caroli: “*Pela pintura e o capricho. Porque tem que se esforçar para conseguir uma boa nota.*”.

Juuh: “*Pela dedicação, capricho e essas coisas, se a avaliação valer 10,0 sim deve ser pelo capricho, clareza, assim essas coisas.*”.

Ju: “*Ele deveria avaliar somente pelo oque aprendemos, pois as vezes não fica tão caprichado como o professor pede.*”.

KCC: “*Pelo capricho, criatividade, comportamento, respeito.*”.

Emili de Jesus Mota: *“Atenção porquê se o professor não avaliam direito com atenção ele não vai ver o sentimento e nem sentido do desenho”.*

Vitória Rabelo Matos: *“Esforço, se tudo oque foi pedido esta ali, capricho, data de entrega etc. Porque quem não se esforça não deve ganhar a mesma nota de que se esforçou.”.*

Tailane Seberino Tavares: *“Pela criatividade, pela pintura, pelo esforço. Do jeito que elas avaliam esta certo.”.*

Os critérios citados nas respostas dos alunos são criatividade, qualidade, comportamento, desempenho, conteúdo, organização, capricho e produção. Percebe-se que os alunos sabem que o professor precisa avaliar de maneira correta, mas a maioria citou nas respostas como critério os comportamentos, parecendo que são esses critérios que são abordados em sala de aula. Segundo Martins, Picosque e Guerra os “Critérios de avaliação não surgem do nada. São frutos de uma sociedade, de uma ideologia, determinada visão de mundo, de uma época ou país, cada um refletindo práticas, teorias e concepções, pedagógicas diferentes.”. Concordando com as autoras e relacionando com as questões dos alunos acredita-se que as respostas podem também reflexos do que se vê em sala de aula, por isso conclui-se que existem professores realizando avaliações frágeis e professores que necessitam rever se expõe os critérios avaliativos aos alunos. “Desta forma o professor necessita ter e transmitir segurança do conteúdo que seja mediado e será avaliado.” (LIBLIK e DIAZ, p.78, 2006).

Questão 5 - O gosto pessoal interfere na avaliação de seus desenhos? De que forma?

Vinicius Farias Manenti: *“Eu faço o que o professor pede, mas quando o desenho pode ter meu gosto eu mudo, então penso que não interfere.”.*

Maria Clara Machado Berkenbrock: *“Penso que não, pois o gosto dele muitas vezes não é o mesmo que o meu e a avaliação é se esta no conceito e não a beleza.”.*

Camille Laurindo Silveira: *“Penso que não deve, pois cada um tem seu jeito de desenhar, seu jeito de pensar.”.*

Eloise de Oliveira Rosso: *“Não, pois tudo o que nosso professor de artes nos ensina desperta uma descoberta muito interessante e faz com que a gente se interesse mais como que ele fez do que o nosso gosto pessoal.”.*

Sophia Michels: *“Não pois cada um tem seu gosto e o professor avalia conforme o gosto de cada um e não o dele”.*

Bugware: *“as vezes porque eu gosto de mais de uma cor”.*

Hadis: *“Não porque ele tem seu gosto.”*

Vitória de A. Bezerra: *“As vezes. Compreendendo o desenho.”*

Cadu: *“Sim – de compreender”.*

Amabile Vitória Costa Melo: *“Não”*

Manoela Duarte Tomaz: *“Sim, da forma que quer o desenhos”.*

Guilherme de Moraes Graciano: *“Não”.*

Suiane de Oliveira Savid: *“sim por que eu gosto de fazer bonecas e não paisagens etc...”.*

Beatriz Formentin Gomes: *“Não”.*

Sthefani S. Felisberto: *“acho que não. Por que cada um tem seu gosto e a professora respeita isso”.*

Lais Martins: *“Sim, pois cada um tem um jeito de fazer.”.*

Duda: *“Sim, pois cada um tem seu jeito de desenhar.”.*

Caroli: *“Sim. Exemplo: Tem que fazer de um jeito e quero fazer do outro.”.*

Juuh: *“Não, eu acredito que não, pois eu aceito de qualquer jeito a atividade.”.*

Ju: *“Não interfere.”.*

KCC: *“não”.*

Emili de Jesus Mota: *“Não de forma alguma porque se eu já escolhi este desenho é porque eu gostei porquê me faz sentir diferente quando desenho.”.*

Vitória Rabelo Matos: *“Não.”.*

Tailane Seberino Tavares: *“Sim. De forma que se eu não gostar eu posso achar um desenho que é bonito , feio.”.*

Quanto a interferência do gosto pessoal do professor na avaliação, vimos três tipos de respostas, primeiro que não interfere, pois cada um tem seu gosto, segundo, as vezes interfere pois o professor pede de um jeito e elas querem de outro jeito e terceiro, que interfere pois cada um tem um jeito e o gosto do professor não é o mesmo. Segundo Liblik e Diaz (p.76, 2006)

O professor deve também tomar cuidado com relação ao uso do gosto pessoal como parâmetro para avaliar os resultados plásticos. Está posto que no senso comum que gosto não se discute. Discordamos disso sobremaneira

desta idéia, visto acreditarmos que gosto é uma questão cultural e que neste tecido de infinitas bordaduras vamos construindo não só saberes teóricos, mas também um olhar que sabe. O professor ao avaliar não vai se despir de seus entendimentos, mas ele deve ter um cuidado com o possível reducionismo neste olhar pessoal.

De acordo com as autoras, o professor tem que tomar o cuidado com o gosto pessoal. Analisando as falas percebe-se que os três tipos de respostas demonstram diferentes opiniões sobre o gosto pessoal do professor na avaliação, mas todos relataram e sabem de alguma forma que ele não deve avaliar pelo gosto pessoal, pois cada um tem seu jeito.

A partir da coleta de dados temos um panorama desafiador sobre as práticas avaliativas em vigor. É preciso conhecer mais e refletir com profundidade sobre que professor queremos ser e quais serão as nossas escolhas.

7 CONCLUSÃO

Esta pesquisa iniciou a partir das inquietações em relação as práticas da avaliação do professor no ensino fundamental II e a preocupação com o desencantamento do alunos com o desenho. Através dos questionários aplicados, busquei compreender como os alunos percebem a avaliação de seus desenhos, no intuito de verificar os procedimentos e concepções envolvidos nos processos avaliativos realizados pelos professores de arte do ensino fundamental II.

Com as respostas dos questionários em mãos, foram realizadas análises, relações e interpretações entre pesquisa de campo e a pesquisa teórica, além de trazer experiências pessoais para melhor ilustrar as discussões.

Refletindo sobre os dados apresentados, a pesquisa teórica e o problema da pesquisa: quais as práticas evidenciadas na avaliação dos desenhos no ensino fundamental II, a partir da percepção dos alunos? Percebemos que não se pode ter uma certeza ou uma solução para o problema, mas abrir uma discussão sobre essas práticas reveladas nas falas dos alunos, onde encontramos diferentes pensamentos em relação as práticas avaliativas do professor.

Analisando os dados coletados, observamos que o desenho é reconhecido como uma manifestação artística e que todos costumam produzir desenhos nas aulas de artes, porém muitos alunos citaram na maioria das respostas sobre o capricho, levando a me questionar que capricho é esse que os alunos tanto comentam? Quais pensamentos os alunos tem sobre a palavra capricho? Pois a palavra capricho pode se referir a desenho caprichado, que fique mais próximo do real, que tenha o domínio da pintura, que tenha acabamento ou pode ser o tipo de capricho vivenciado na escola tradicional. Segundo Liblik e Diaz (p.75, 2006) “[...] a palavra capricho que remetia, [...] a cadernos encapados, folhas sem “orelhas”, rasuras, caligrafia primorosa, [...] fato desejável que o aluno cumpra com aquilo a que se propôs.”

Enquanto as respostas falam de capricho, os alunos pensam a avaliação dos desenhos não como algo negativo, mas sim positivo, pois a avaliação ajuda a reconhecer-se na disciplina, porém poucos alunos entendem que ao avaliar os desenhos, é analisado não somente o acabamento e o comportamento, mas especialmente o conteúdo. Portanto, percebe-se que há uma necessidade em

relação aos processos avaliativos, pois precisam ser esclarecidos e revistos no ensino de artes.

Finalizo a pesquisa, com um olhar diferenciado em relação a avaliação do desenho no ensino de artes, pois nos dados coletados, nas reflexões sobre as concepções de autores abordados e a minha experiência como aluna do ensino fundamental, percebe-se que ocorreu mudança no sistemas avaliativos. As aulas de artes e as avaliações eram mais rigorosas, tínhamos na produção do desenho um olhar focado à técnica, a decoração e de biografias de artistas. Atualmente o ensino de artes melhorou muito em relação a avaliação dos desenhos dos alunos, mas ainda tem práticas que precisam melhorar e há professores que precisam rever suas práticas de avaliação do desenho no ensino de artes, pois estamos sempre em mudanças e o professor também estar em constante formação e pesquisa. Segundo Martins e Picosque (p. 184, 2009)

Problematizando, fazendo perguntas sobre nossas práticas, podemos abrir uma fenda para romper com a lógica do reconhecimento daquilo que já sabemos, nos movendo a um processo de cognição impulsionador da construção de outros modos de fazer-se professor.

Pretendo continuar pesquisando para contribuir com a melhoria do ensino de artes sendo uma professora-pesquisadora em constante formação, para que não venha repetir as mesmas práticas vivenciadas na educação básica e que possa colaborar na formação artística e estética de meus alunos, preparando-os para a sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **Ensino de arte**. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

ARRUDA, Carlos Kleber da Costa. **Apostila de Desenho Técnico Básico**. Universidade Candido Mendes – Niterói. Coordenação de Engenharia de Produção. 2004. Disponível em: ftp://ftp.sm.ifes.edu.br/professores/SolivanAltoe/1EN/Apostilas/DESENHO_TECNICO_CANDIDO_MENDES.pdf . Acesso em : 15/10/2014.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BOUGHTON, Doug. In BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BOHN, Letícia Ribas Diefenthaeler; SILVA, Carla Clauber da. **Processos de avaliação em arte no ensino básico provocações, inquietudes e reflexões**. 36ª Reunião Nacional da ANPED, Goiânia-GO, 2013.

BORN, Rodrigo Montandon. **Quem tem medo de ensinar desenho?**. Florianópolis. UDESC. 2012.

BRASIL Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. 2.ed Brasília: DP&A, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental (Tema Transversal Saúde)**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMARGO, Wanessa Fedrigo. **avaliação da aprendizagem no ensino fundamental**. Disponível em : <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/WANESSA%20FEDRIGO.PDF>. Acesso em: 25/09/2014.

CRUZ, Mariana da Silva. **A importância histórica do desenho e sua interface com o mercado no mundo contemporâneo**. São Paulo: Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM, 2012.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo**

infantil. 3ª edição, São Paulo, SP: Scipione, 2004.

ESTEBAN, Maria Teresa. **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. 5. ed Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte**: fundamentos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FERREIRA JR, Acácio de Assunção. **Autoridade ou Autoritarismo? A “Didática do Comportamento”**: uma necessidade na relação Professor-Aluno. Disponível em: <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis-pedagogicas/RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSOR-ALUNO/autoridade%20ou%20autoritarismo....pdf>. Acesso em: 26/09/2014.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 7 ed. Porto Alegre: Mediação, 1995.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito & desafio** : uma perspectiva construtivista.. 16. ed. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1995.

LIBLIK, Ana Maria Petraitis; DIAZ, Marília. **A avaliação em artes visuais no ensino fundamental**. Curitiba. Ed. UFPR, c2006.

LEAL, Elisabeth Juchem Machado, **Produção Acadêmico-científica**: a pesquisa e o ensaio, 2011, disponível em: http://www.univali.br/vida-no-campus/biblioteca/Documents/caderno_9.pdf, acesso em: 07/10/2014.

LUCKESI, Cipriano. . **Avaliação da aprendizagem escolar**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MAANEN, apud, NEVES, José Luiz, **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades**. p. 1, 1996, disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf> , acesso em: 07/10/2014.

MARQUES, Isabel; BRASIL, Fabio. **Arte se Avalia?** Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=10631.

Acesso em 15/09/2014.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir, e conhecer a arte. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo : livro para análise do professor.** 1. ed São Paulo: FTD, 2009.

MICHAELIS. **Dicionário prático da língua portuguesa.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

OLEQUES, Liane Carvalho. **O desenhar de adolescentes: características na produção gráfica de seis meninos.** In: Travessias: revista eletrônica de pesquisas em educação, cultura, linguagem e artes da Unioeste, 5.ed. / Coordenação editorial: Prof. Dr. Acir Dias da Silva e Profa. Dra. Beatriz Helena Dal Molin —Cascavel, PR: Edunioeste, 2009. Disponível em: http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_006/EDUCA%C7AO/PDF/DESENHAR%20ADOLESCENTES%20-%20PRONTO.pdf. Acesso: 15/10/2014

PENTEADO, Heloísa Dupas; GUARRIDO, Elsa. **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor.** São Paulo: Paulinas, 2010.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e construção de conhecimento na criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PILLOTTO, Silvia S. D.; ALVES, Maria Palmira C., **Avaliação em educação: questões, tendências e modelos,** Joinville, SC: Editora Univille, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido,. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PIOVESAN; TEMPORINI, **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública,** p. 324, 1995, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v29n4/10>, acesso em: 07/10/2014.

STUDZINSKI, Liziane Sartor. **Desenho na arte: possibilidades para desenvolver o desenho Contemporâneo nas aulas de arte.** Criciúma, UNESC. 2013.

ROCHA, Maria Clara Martins. **caderno de artista: um meio de reflexão.** disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/chtca/maria_clara_martins_rocha.pdf. Acesso em: 25/09/2014.

VIGOTSKY, 1998, apud, OLEQUES, Liane Carvalho. **O desenhar de adolescentes: características na produção gráfica de seis meninos.** In: Travessias: revista eletrônica de pesquisas em educação, cultura, linguagem e artes da Unioeste, 5.ed. / Coordenação editorial: Prof. Dr. Acir Dias da Silva e Profa. Dra. Beatriz

Helena Dal Molin —Cascavel, PR: Edunioeste, 2009. Disponível em: http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_006/EDUCA%C7AO/PDF/DESENHAR%20ADOLESCENTES%20-%20PRONTO.pdf. Acesso: 15/10/2014.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – Questionário aplicados com os alunos



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA – 8ª FASE
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
ACADÊMICA: MONIQUE PEREIRA VIANNA

Questionário

1- Você faz desenhos e suas aulas de artes? Cite um exemplo:

2- Como você acha que seu professor de artes avalia seus desenhos? Explique:

3- Que sentimentos a avaliação realizada pelo professor de artes desperta em você? Por quê?

4- Com que critérios você entende que deveria ser feita a avaliação dos desenhos? Justifique:

5- O gosto pessoal interfere na avaliação de seus desenhos? De que forma?

Para sua identificação dos dados na pesquisa, gostaria que você indicasse a forma que prefere:

- Nome completo ()
- Pseudônimo ()
- Somente as iniciais do nome ()
- Outras letras ()

Criciúma (SC), agosto de 2014.

Assinatura do Participante

Assinatura do Acadêmico pesquisador

APÊNDICE B – PROPOSTA DE CURSO

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA**

MONIQUE PEREIRA VIANNA

PROJETO DE CURSO: AVALIAÇÃO DO DESENHO NO ENSINO DE ARTES

**CRICIÚMA
2014**

MONIQUE PEREIRA VIANNA

PROJETO DE CURSO: AVALIAÇÃO DO DESENHO NO ENSINO DE ARTES

Projeto de Curso elaborado para obtenção do Grau de licenciatura, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

**CRICIÚMA
2014**

TÍTULO: Avaliação do desenho no ensino de Artes

EMENTA: Formação de professores. Avaliação do desenho no ensino de artes.
Artes Visuais – Licenciatura.

PÚBLICO ALVO: Professores e acadêmicos de Artes.

PROPOSTA DA CARGA HORÁRIA: 4 horas

INTRODUÇÃO/CONTEXTUALIZAÇÃO

Ao realizar a pesquisa de trabalho de conclusão do curso de artes visuais, com alunos de 6º ano de escolas públicas e privadas, observamos a importância da avaliação na escola para o desenvolvimento significativo do ensino aprendizagem e a responsabilidade do professor quando tem a função de avaliar as produções dos alunos no ensino de artes. Segundo Pillotto; Alves (p.139, 2009) “a avaliação entendida como regulação do processo de ensino e de aprendizagem revela-se, assim, portadora de uma mensagem de mudança e de transformação para adequar e melhorar.”.

Entretanto, se avaliação é frágil e o que importa não é uma mensagem de mudança, mas de consequências negativas na aprendizagem do aluno, então para que evite conflitos é importante que o professor esteja sempre em formação e pesquisa, buscando compreender os processos de avaliativos.

Compreender a avaliação como um processo participativo, com potencial para identificar mudanças e capaz de contribuir para tornar possíveis decisões educacionais inteligentes e fundamentadas, pressupõe que a educadora seja capaz de explicitar as principais intenções educativas para cada criança e para o grupo e de selecionar e implementar estratégias de observação, documentação e avaliação consistentes com o desenvolvimento curricular e com as estratégias, de ensino aprendizagem empregadas. (PILOTTO; ALVES, p.143, 2009)

Conforme as autoras, acredita-se que é importante que haja uma socialização, para discutirmos a avaliação do desenho no ensino de artes, não só do olhar do professor, mas por meio da concepção de avaliação que tem o aluno,

oportunizando ao professor uma reflexão sobre as práticas evidenciadas em suas aulas.

Portanto pretendo propor este projeto de curso objetivando socializar os dados obtidos na pesquisa sobre a avaliação do desenho no ensino de artes, a fim de para a formação de professores e acadêmicos de artes.

OBJETIVO GERAL:

Socializar os dados obtidos na pesquisa que teve como objetivo compreender como os alunos percebem a avaliação de seus desenhos e verificar os procedimentos e concepções envolvidos nos processos avaliativos realizados pelos professores de arte do ensino fundamental II, refletindo sobre a importância do olhar estético e sensível do professor aos desenhos dos alunos e suas práticas avaliativas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Compartilhar experiências e desafios com a avaliação no ensino de artes.
- Apresentar o trabalho de conclusão de curso que tem como título: A avaliação do desenho no ensino de Artes
- Reconhecer as práticas avaliativas evidenciadas na avaliação do desenho no ensino de artes.
- Realizar atividades que exercitam a prática da avaliação do desenho em coletivo, proporcionando a reflexão e discussão de estratégias de avaliação;

METODOLOGIA:

Primeiramente recepcionarei os professores e acadêmicos de artes, falando os objetivos do projeto de curso. Em seguida, iniciaremos um diálogo, no qual convidarei os professores para compartilhar experiências ou desafios com a avaliação no ensino de artes, finalizando a conversa farei uma provocação com os seguintes questionamentos: E os alunos o que pensam sobre a avaliação do desenho ensino de artes? Como compreendem os processos avaliativos no ensino de arte? Então darei início a apresentação do trabalho de conclusão de curso: A

avaliação do desenho no ensino de artes, socializando os dados obtidos na pesquisa, para que reflitam sobre as práticas avaliativas evidenciadas no ensino de artes. Após a socialização, realizaremos um debate em coletivo com desenhos mostrados em slides, exercitando a prática da avaliação e proporcionando a reflexão e discussão de estratégias de avaliação. Para finalizar conversaremos sobre o que ficou do encontro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PILLOTTO, Silvia S. D.; ALVES, Maria Palmira C., **Avaliação em educação: questões, tendências e modelos**, Joinville, SC: Editora Univille, 2009, 191p.